

# O MILAGRE E O TRABALHO PACIENTE DA HISTÓRIA: ALGUMAS NOTAS SOBRE A VIDA E O PENSAMENTO DE WERNECK VIANNA

**Luiz Eduardo Soares**

Escritor, antropólogo e cientista político, professor da pós-graduação em Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e titular da cátedra Patrícia Acioli, vinculada ao Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ. Ex-professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi *visiting scholar* nas universidades Harvard, Columbia, Virginia e Pittsburgh. Publicou 26 livros, dos quais os mais recentes são *Desmilitarizar: segurança pública e direitos humanos* (Boitempo, 2019), *O Brasil e seu duplo* (Todavia, 2019) e *Dentro da noite feroz: o fascismo no Brasil* (Boitempo, 2020), e os romances *2066*, com Rafael Coutinho (Narval, 2022) e *Enquanto anoitece* (Todavia, 2023). Foi secretário nacional de Segurança Pública, subsecretário e coordenador de Segurança, Justiça e Cidadania do Estado do Rio de Janeiro e secretário municipal de Prevenção da Violência em Porto Alegre (RS) e Nova Iguaçu (RJ).



## RESUMO

Depoimento de Luiz Eduardo Soares a respeito de Werneck Vianna, com passagens marcantes da relação entre ambos, destacando aspectos da pessoa e do grande intelectual e sociólogo Werneck Vianna.

**Palavras-chave:** Luiz Eduardo Soares; Werneck Vianna; depoimentos pessoais.

## ABSTRACT

Luiz Eduardo Soares's tribute to Werneck Vianna, with unforgettable moments of the relationship between them, highlighting aspects of the personality and the great expert/sociologist that Werneck Vianna was.

**Keywords:** Luiz Eduardo Soares; Werneck Vianna; tributes.

Este artigo não tenciona analisar a obra ou descrever a trajetória biográfica de meu professor, amigo, líder político e companheiro Luiz Jorge Werneck Vianna. Longe disso. A tarefa, aliás de grande importância e mais necessária do que nunca, deve ser assumida por pesquisadores em condições de investir anos de trabalho. Aqui, ainda sob a emoção da perda, apenas aceno para a hipótese de que alguns temas talvez mereçam especial atenção, na oportunidade em que vier a ser formulada a agenda de pesquisa, acompanhando a inadiável reedição de suas obras.

Quando comecei a publicar artigos, em 1973, fui aconselhado a abandonar minha devoção a aberturas negativas: “O presente texto não tem a pretensão de...”. Sintoma de insegurança e ingenuidade; clichê defensivo, típico da puberdade intelectual; doença infantil do jovem acadêmico. Como outras doenças infantis, entre elas o “esquerdismo”, diagnosticado por Lenin em seu opúsculo clássico. *Malaise* que grassava no movimento estudantil onde eu militava nos anos mais brutais da ditadura. Werneck me acolheu na enfermaria política do vetusto partido, e me ofereceu o imunizante de suas análises agudas, criativas, ferinas e passionais. Atormentado pelo terror da repressão, que sufocava a resistência clandestina no Brasil, desolado pela derrota da via democrática chilena, ante a derrubada sanguinária do governo Allende, incapaz de enxergar além do horizonte próximo, que só prometia mais tortura, cinismo e exploração dos trabalhadores, eu hesitava entre o apelo da luta armada e o reconhecimento de que este, embora nobre, seria o caminho para o isolamento e a morte.

Tomo a liberdade de recorrer à primeira pessoa, porque, de certo modo e até certo ponto, o anedótico era histórico e o idiossincrático retratava uma geração. Entre a nobreza do sacrifício e o labor cotidiano desencantado, estive por um fio. Naquela esquina, encontrei, na lucidez de Werneck, uma espécie de método biopsicoquímico e intelectual, que ensinava a metabolizar o desespero para converter a energia da revolta em cálculo, estratégia e reflexão.

Fórmulas não havia, é claro, mas Werneck encarnava um personagem cativante, sem artifícios, porém singularíssimo, cujo desempenho em debates, palestras e aulas equilibrava, com naturalidade, a *performance* eletrizante do dirigente político carismático e a placidez inquiridora do pensador. Pensador que pausa porque pensa, não para produzir efeitos retóricos; pausa porque fuma, não para suscitar suspense; pausa porque inspeciona mentalmente todas as faces do objeto virtual construído no discurso, não para intensificar a atenção da audiência. Mesmo assim, gerava suspense e aumentava o grau de concentração. E foi assim que o retratei – sem citá-lo, evidentemente – em romance que escrevi em 1996 (*O experimento de Avelar*, editado pela Relume Dumará) sobre a ditadura, o intelectual e o artista. Nas palestras de Werneck, o banquete de ideias era preparado na hora, diante dos interlocutores, servido em chamuscas: o tempo presente examinado a quente. O prosador era fiel à dupla urgência: conhecimento e ação. A conjuntura queimava línguas e dedos. Ao mestre não escapava a intimidade arcaica entre

retórica e erótica, a linguagem e a política. Nem por isso abusava deste enlace, nem o perseguia, conscientemente.

A placidez do homem-que-pensa a contrapelo da cordialidade (no sentido original que lhe emprestava Sergio Buarque, a irresistível tentação nacional de projetar o privado sobre o público) volta e meia rasgava-se em rompantes implacáveis. Aqui e ali eclodia a ira que deixava incandescentes as molduras interativas. Essas quebras do protocolo que nos governa, na mansidão das rotinas, remetem a uma cena extraordinária, cujo registro cinematográfico devemos à obstinação e ao talento de Silvio Tendler – refiro-me ao documentário *Glauber, labirinto do Brasil*. Darcy Ribeiro, em uma de suas falas mais belas e comoventes, no funeral de Glauber Rocha, recorda a manhã que passou com o velho amigo, tentando consolá-lo. Glauber chorava convulsivamente. Chorava pelo Brasil miserável e estúpido, a sucessão absurda de iniquidades, o acúmulo de escombros, barbaridades e catástrofes, o mar de sangue, a exploração do povo, a rendição atávica à pusilanimidade. O pranto caudaloso não findava. Glauber lamentava a beleza recusada, as oportunidades perdidas, os futuros cancelados. Darcy improvisava sua oração fúnebre sob chuva torrencial.

A cena, em si mesma barroca, loquaz, derramada, excessiva, como os grandes momentos do cinema glauberiano, nos devolve às exaltações irascíveis de Werneck. Ele não se permitia a incontínência diluviana de Glauber, todo o pranto do mundo naquela manhã testemunhada por Darcy. Contudo, não podia evitar os rompantes que arrebatavam bloqueios de civilidade, talvez porque trouxesse consigo, permanentemente, o gume dilacerante: a consciência vívida da sociedade que fomos e somos, travando a que poderíamos ser. As mazelas do mundo e do Brasil não eram inquietações acadêmicas, um incômodo lateral que se aprende a tolerar, com o qual se convive. É difícil crer, mas Werneck tomava a si mesmo e ao país, à sociedade, à humanidade, como um amálgama indistinguível, emaranhado inextricável de história, interesses, valores, lutas, ideias e paixões, futuros usurpados, beleza refutada, potenciais esterilizados. Precisavam vazar, em algum momento, a cólera e o mal-estar provocados pela irreconciliação consigo (posto que ele mesmo e o mundo se enovelavam: a mesma dor, uma só palpitação). A obra não bastaria, dada sua inclinação apolínea, educada na tradição do direito e das ciências sociais. Sendo assim, para verter o inconformismo, restava a correnteza do cotidiano, onde arestas e asperezas do que um dia se chamou temperamento tomam a forma do embaraço. Rompantes eram a contrapartida da porosidade, daquela abertura que o tornava vulnerável aos dramas sociais. A conexão visceral com a história viva das lutas populares penetra e enlaça a alma que repele o refúgio na mônada individualizante. O homem que parece fortaleza inexpugnável é, de fato, vulnerável ao extremo. Werneck fez-se advogado para aliar-se ao mundo do trabalho, defendê-lo ante o regime dos patrões, a ditadura, arriscando a vida. Fez-se sociólogo para adestrar sua permeabilidade ao mundo, calibrá-la, aprender a retesar os nervos, tão dolorosamente expostos à energia agonística dos conflitos matriciais. Fez-se homem de embates, no embate, e a cólera

vazava – como detê-la? –, a inadequação pulava o muro, a rebeldia fechava o punho fora de hora e lugar. Sua doçura serena, a generosidade acolhedora, a copiosa afetuosidade não eram percebidas pelos observadores distantes, aos quais o traço ligeiro do perfil caricato bastava.

Revogar a cordialidade (em sua acepção original), isto é, revogar a privatização do público, eis o que implica (além do risco de atrair para dentro de si as injunções do espaço público, o qual não se esgota em esgrima argumentativa habermasiana, frequentemente inclui carnificinas hobbesianas): abominar o narcisismo que imanta as gerações embaladas pelo credo neoliberal; exorcizar o flerte regressivo do capital com o patrimonialismo, sob a máscara sórdida da meritocracia; rejeitar a diluição das classes no idealismo materializado de ordens estamentais; subverter dogmatismos e ter coragem de chocar o senso comum ideológico de seu próprio campo político, preferindo derrotas em assembleias populistas à demagogia e à pusilanimidade. Bonito, dito assim, mas paga-se um preço por isso, um preço muito alto. O custo, entretanto, nunca o fez recuar, talvez porque esse movimento contra o tempo, em sintonia dialética com seu tempo, fosse o que ele estivesse destinado a ser, condenado a ser, por uma abnegação rara, numa obstinação a que jamais renunciaria – aquém de quaisquer deliberações quanto a danos e benefícios, que lhe soariam oportunistas. O *pathos* do grande personagem é sua vocação.

Por outro lado, havia também o mestre solar, o amigo feliz, o rubro-negro de arquibancada, inspirado no peladeiro astucioso da juventude, bicho de praia numa Ipanema imemorial. Havia o pensador cheio de esperança que apostava na construção do socialismo pelo trabalho paciente da história, movida pela irrupção fecunda das massas oprimidas, lutando por terra, moradia e direitos. O pensador e militante político que confiava na história tracionada pela insurgência criadora dos movimentos antirracistas e feministas, pela radicalização da democracia em busca de emancipação e liberdade, igualdade e justiça. A fé na potência revolucionária dos processos históricos nada tinha de mecanicista ou determinista, nem se fundava numa escatologia teológica laicizada – à qual, no marxismo vulgar, o conceito “dialética” forneceria o manto sagrado da ciência. Se a vida lhe tivesse dado mais tempo, talvez ele dedicasse a prorrogação a reler e escrever sobre Hegel, inclinado a promover a reconciliação de Marx com seu pai filosófico, reconhecido e negado – reservando alguns capítulos a Ernst Bloch. Foi o que ele me disse, e fazia todo sentido. Nesse espírito, Werneck atravessou seus anos derradeiros: reiterando a convicção inabalável de que as contrarrevoluções fascistas, mundo afora, provavelmente se revelariam, afinal, o último suspiro das contradições neoliberais. E mesmo a ruína social contratada pela crise climática, aprofundando desigualdades, poderia vir a ser, apesar de tanta dor e destruição, outra chance para a humanidade e a vida no planeta: sepultando os mecanismos da morte, do colonialismo e da espoliação. Fascismo e catástrofe ecológica, vencidos pela solidariedade política e a inteligência das forças populares renascidas das cinzas, abririam uma clareira para a emergência do novo – como talvez ele dissesse, luz nos olhos,

sorriso de Capitu, uma pitada no cigarro. Por que não sonhar? Ele acreditou até o fim, e foi a fé no comum que o manteve de pé, no *front*, pronto para o combate, fitando o horizonte.

Difícilmente alguma leitora, aluna, algum aluno, colega, camarada de Werneck esqueceria a relevância que ele atribuía à díade maquiaveliana “fortuna e virtude”, tão central em seu modo de pensar a política quanto a obra de Gramsci. Não por acaso, o marxista italiano concebia o partido como o príncipe moderno. Werneck tinha o hábito de citar a díade para enfatizar a necessidade imperiosa de combinar conhecimento e ação, adicionando uma pitada de heroísmo ao tópico da agência política virtuosa, quando lhe imputava a capacidade de alterar a realidade, mudar a correlação de forças, instaurar instituições, em suma, fazer história. Desde que, paradoxalmente, admitisse suas limitações e aquelas ditadas pelas circunstâncias: aí está a fortuna. Heroísmo limitado, portanto, que só se afirma com o balanço entre prudência e ousadia – ousadia que eventualmente poderia corresponder até mesmo ao sacrifício do protagonismo. Sim, claro, pode haver valentia e audácia no recuo tático. A virtude não depende só da vontade, da impetuosidade do ator, mas sobretudo de sua sensibilidade para entender o momento, o contexto, os processos em curso, as tendências emergentes e declinantes, as alternativas viáveis, as forças em jogo. Virtuoso é o ator que alcança objetivos e sabe preservar as conquistas, o que só será possível se estiver apto a interpretar as oportunidades que a fortuna lhe oferece e as restrições que lhe impõe.

Disso, todos e todas as leitoras de Maquiavel sabemos, sobretudo quem releu o florentino com as lentes gramscianas lapidadas por Werneck. O que surpreende vem agora. Além da fortuna (as estruturas e dinâmicas sociais, em suas múltiplas dimensões, precipitando efeitos de agregação e submetidas a confrontos e contradições) e da virtude (abarcando, sob o modo performativo, cognição, formações subjetivas, afetos, cosmologias, ciências, linguagens), havia espaço em suas reflexões para algo mais, algo bem mais radicalmente decisivo e, por isso, refratário à domesticação conceitual.

Em 8 de agosto de 2015, Werneck – que amava a literatura e sonhara, na juventude, tornar-se escritor – acabara de ler *Guerra e paz*, a obra monumental de Tolstói, reeditada pela Cosac & Naify. Sob o impacto da leitura, ele me disse: “Milagre”. Não explicou, nem precisava. Se ele desdobrasse o raciocínio, talvez eu tivesse esquecido suas palavras. Milagre eu jamais esqueceria. A declaração autoriza duas posturas: reverenciar a palavra, cercá-la de silêncio e emoção, guardá-la, protegendo-a dos efeitos corrosivos da racionalização e da memória, ou expeli-la, exortando quem está aqui comigo – do outro lado da escrita, você leitor, leitora – a tomar o dito pelo não dito, isto é, a tomar a palavra por moeda e fazê-la circular na feira de sinônimos banais, levianos, até conspurcá-la. E logo milagre viraria superbacana, maravilhoso, obra-prima. Guardo comigo milagre, cuido da palavra para que não se perca, dou-lhe de comer, afago seu dorso no frio, abro as janelas no verão. Finalmente, agora, encontrei lugar apropriado para depositá-la. Assim, pois, aqui está o milagre.

O melhor modo de valorizar a palavra e inscrevê-la na obra e na trajetória política de Werneck eu o encontrei numa passagem notável de Vladimir Safatle, em seu livro *Alfabeto das colisões* (editora Ubu), sobre o qual publiquei uma resenha na revista virtual *Cult* (“Sinais de inundação: Safatle e os refugiados da linguagem”), da qual cito, a seguir, um pequeno trecho em que desenvolvo algumas considerações sobre nomear um objeto, um fenômeno, e hesitar fazê-lo:

Hesitação como a ponte que se lança sobre o abismo e se recolhe, não por impotência ou tibieza, não por negar a dimensão da tarefa, não por intimidar-se ante o risco, mas porque a resistência à nomeação – e à metáfora – é também a preservação de espaço para a renomeação do abismo, a renomeação do esforço ponte, do gesto ponte, do cosmos pensado e vivido como ponte e abismo. Hesitar antes de nomear, ou ao nomear, ou como forma de nomeação, nomear e não fazê-lo – sem esconder o jogo e o que verdadeiramente está em jogo – implica abrir-se para a alteridade radical do que ainda não há, ou seja: o acontecimento. O acontecimento, por exemplo, da reconfiguração do que é pelo desejo político ardente dos oprimidos, aqueles que recusam esta designação (oprimidos), assumem o estatuto de refugiados da linguagem codificada para só assim redescrever o real e seus limites.

Nas palavras de Vladimir: esperar o acontecimento pode significar ‘manter-se disponível para o que ainda não existe’. Refere-se ao cineasta italiano Michelangelo Antonioni ‘falando o que é um acontecimento, a saber, aquilo que não existe, mas que nos faz ficar disponíveis’. E prossegue: ‘Enquanto todos parecem preocupar-se com o que existe, há quem acredite que o não existente é uma categoria de experiência, na verdade a única categoria que realmente conta’ (Soares, 2024).

A palavra milagre talvez fosse impronunciável por Werneck fora do ambiente informal de uma conversa prosaica entre velhos amigos. Em outro contexto, se empregada, provavelmente o seria com reserva e pudor: pronúncia hesitante, a palavra sitiada por um cerco semântico sanitário. Não se constrói um intelectual público sem autocrítica e superego.

Trata-se de mais do que uma palavra, milagre; a mensagem é o espanto, a capacidade e a coragem de abrir-se para o inesperado, o inclassificável, o que não decorre de cadeia causal, o que não é espelho do já dado, não é efeito da necessidade ou da lógica. Dizer milagre na estética, na arte, corresponde a espantar-se e incorporar esta experiência à reflexão existencial e política – o espanto é a origem da filosofia. Espanto, surpresa, o inexistente nascendo, se impondo à existência, tomando lugar no mundo, lhe dando rumo e sentido: eis a literatura como problema, criação, enigma, emergência do indeterminado, acontecimento. Arte, ato humano, irrupção na história, política enquanto *poiesis*: talvez a palavra milagre, designando uma obra de gênio, tenha sido menos ingênua e arbitrária do que se poderia supor – ainda que as ilações aqui sugeridas não fossem plenamente conscientes. Talvez esteja aí o segredo da esperança que Werneck

cultivou até o fim. Apesar dos pesares, a despeito de tudo, contra evidências regressivas e catastróficas. Vale reiterar: até o fim, manteve a confiança no longo, paciente, acidentado e desconcertante trabalho da história. Manteve a fé não no jogo frio de estruturas – numa darwiniana lógica evolutiva ou idealizada força da necessidade –, mas na ação humana coletiva, na política, no gênio criador dos seres humanos, feito de desejo, paixão e compaixão. O inesperado, o acontecimento, o milagre, por que não?, se *Guerra e paz* aconteceu.

## Referência

SOARES, Luiz Eduardo. Sinais de inundação: Safatle e os refugiados da linguagem. *Cult*, São Paulo, 28 maio 2024. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/refugiados-da-linguagem/>. Acesso em: 6 ago. 2024.